

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XXIX



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1990

Probleme der Megalithgraberforschung, Vortrage zum 100. Geburtstag von Vera Lisner, Deutsches Archäologisches Institut Abteilung Madrid, Walter de Gruyter, Berlin — New York, 1990, “Madrider Forschungen”, Band 16.

A pretexto da comemoração do centenário do nascimento de Vera Leisner, o Instituto Arqueológico Alemão (delegações de Lisboa e Madrid) promoveu, em Fevereiro de 1985, um ciclo de conferências sobre a problemática do Megalitismo, reunindo em Lisboa alguns dos grandes especialistas deste campo da investigação pré-histórica.

Este novo volume dos “Madrider Forschungen”, com a excelente apresentação a que esta coleção nos tem habituado, dá à estampa, passados cinco anos, os discursos então proferidos sobre a homenageada e a sua obra, e as conferências apresentadas. Exceptua-se, lamentavelmente, a de Fernando Molina que tinha versado sobre “Novas Investigações no povoado e na necrópole de Los Millares”, mas integram-se dois novos textos — o de Rodriguez Casal, sobre o Megalitismo da Galiza, e o de Helgouach, referente à Bretanha, que, na altura, não foram apresentados.

Os monumentos megalíticos entre Tejo e Douro (área portuguesa) foram objecto de reflexão por parte de Philine Kalb. O seu texto, de que aliás existe versão portuguesa (publicada com o título *Monumentos Megalíticos entre Tejo e Douro* na obra “El Megalitismo en la Península Ibérica”, Madrid, 1987, p. 95-109), apresenta os dados agrupados por distritos (Castelo Branco, Coimbra, Guarda, Viseu e Aveiro), na esteira da organização dos elementos compilados por Vera Leisner, com base nas províncias (Beira Alta, Beira Baixa e Beira Litoral).

A principal virtude desta síntese é, precisamente, o facto de se basear, em parte, nos dados de Vera Leisner que permanecem inéditos e que se destinam a integrar o volume 1-4 dos “Madrider Forschungen”, que se aguarda com expectativa.

Segue-se o texto sobre o Megalitismo do Norte de Portugal onde o autor, Vítor Oliveira Jorge, expressa alguns dos dados e da problemática que os seus trabalhos e os de outros investigadores nesta região lhe têm proporcionado e que ele, aliás, tem tido a preocupação de ampiamente divulgar.

A actualidade da síntese que apresentou em 1985, vê-se, passados cinco anos, apartada da realidade hoje conhecida, fruto dos resultados da investigação permanente e contínua naquela região, ela própria enriquecida com novos trabalhos do autor. Somente a título de exemplo, refira-se a descoberta de novos monumentos insculpidos e/ ou pintados — anta da Ereira (Afiife), mamoa 1 de Madorras (Sabrosa), e o aumento do número de datas de ^{14}C dos monumentos da Serra da Aboboreira (de 11 em 1985 passou para 45 em 1988), que permitiu balizar, em conjugação com outros elementos, a construção e utilização dos monumentos da necrópole daquela serra entre meados do IV milénio a. C. e a primeira metade do II, como demonstraram recentemente Domingos Cruz (1988) e V. Oliveira Jorge (1989).

Rodriguez Casal encarregou-se da apresentação do Megalitismo na Galiza, com particular atenção sobre a história das investigações, o ambiente e o quadro geográfico, a estrutura arquitectónica dos monumentos, a cultura material, a arte megalítica, a economia, a religião e a sociedade, terminando com os aspectos cronológicos.

O interessante sítio de Bougon (Deux-Sèvres) esteve a cargo de Jean-Pierre Mohen que nos dá um panorama fundamental sobre os monumentos megalíticos em si, bem como referências aos habitats e aos afloramentos próximos que forneceram a matéria-

-prima para a construção daqueles. Trata-se, pois, dum verdadeiro território que reúne, num raio de 4 a 5 km, vestígios reais deixados pelo homem, que dispensam o auxílio de modelos teóricos sobre a exploração dos territórios e autorizam a falar, com legitimidade, num território.

Não é, porém, sobre este aspecto que Mohen se debruça, mas antes sobre os cinco *tumuli* que envolvem estruturas arquitectónicas diversas e que constituem, juntamente com um longo muro de 35 metros, sem paralelos conhecidos, mais do que um espaço funerário, um sítio sagrado ou santuário.

A importância do texto de Helgouach reside em dois aspectos fundamentais. O primeiro corresponde às novidades que trouxe respeitantes às destruições e reutilizações de alguns monumentos megalíticos da Bretanha, particularmente visíveis na identificação de fragmentos de esteios gravados, manifestamente fora dos seus contextos iniciais, como acontece, por exemplo, em Mane Rutual, Penhape, Table des Marchands, etc. Este dado, para além da sua importância manifesta, é fundamental para a argumentação do Autor quando defende que os construtores de megálitos só poderiam ter sido sedentários e permanentes numa região onde construíram, destruíram, remodelaram, reutilizaram e reconstruíram.

Igualmente importantes são os achados de cerâmicas decoradas de tradição do Neolítico Antigo europeu sob diversos megálitos, levantando o problema das relações entre os grupos utilizadores destas cerâmicas e os primeiros construtores de megálitos, pondo em causa a ideia clássica de que, em algumas regiões da Bretanha, nada existiu entre o substrato mesolítico e o primeiro megalitismo.

A apreciação das similitudes e dos contrastes entre “os megalitismos irlandês e ibérico” foi feita por G. Eogan. Para tal, o autor recorreu em primeiro lugar às afinidades arquitectónicas dos túmulos com corredor (“passage graves”) das duas regiões e, depois, às semelhanças formais de alguns artefactos de osso ou pedra, em regra de natureza ritual ou ornamental.

Além destas analogias, Eogan insiste igualmente nos motivos da arte megalítica comuns, como os triângulos, os losângulos, os “chevrons” e as figuras astrais, para concluir que “... Ireland has more Iberian features than western France and this indicates direct connections” (p. 133).

O último ensaio diz respeito ao estudo que Marta Strömberg vem desenvolvendo numa das regiões do Sudeste Sueco. Com base nos monumentos conhecidos nesta região considerada “marginal” deste campo de investigação, a autora infere sobre o tipo de sociedade que se desenvolveu durante as diversas fases do Neolítico local, terminando com a constatação de que a fase terminal do Neolítico registou uma diversidade de práticas funerárias (tumulações megalíticas, em cista e em construções de madeira semi-enterradas), altura em que se manifestam os primeiros aspectos culturais campaniformes.

Registe-se, por fim, que os textos, em francês, inglês e alemão, consoante os casos, são ilustrados com mapas, figuras e fotografias, estas últimas reunidas na parte final da obra. Os discursos que abrem este volume, originalmente em alemão, foram traduzidos para português não tendo, contudo, essa tradução merecido a atenção devida.

RAQUEL VILAÇA